

CLASSIFICAÇÃO DAS FACULDADES MENTAIS

(*Classification of the Mental Faculties*)¹

Asa Mahan

Apresentação e tradução: Silvério Becker²

Nascido em 1799, nos Estados Unidos da América, Asa Mahan (1799-1889) é, sem dúvidas, um dos maiores filósofos de todos os tempos. Ele foi o autor de obras importantíssimas no campo da filosofia, como: *A System of Intellectual Philosophy* (1854), *The Science of Logic; or An Analysis of the Law of Thought* (1857), e *A Critical History of Philosophy* (1883), a última considerada por diversos filósofos como a mais importante obra de filosofia já escrita.

Embora fosse um crítico perspicaz do pensamento de Immanuel Kant (1724-1804), Mahan também era um grande admirador do filósofo alemão, principalmente no campo da filosofia moral, onde ele defendia que o pensamento de Kant estava correto, principalmente em relação aos fundamentos da moralidade. Nas obras de Mahan sobre a moralidade, o princípio defendido por Kant, frequentemente é evocado; embora nem sempre de modo totalmente coerente com as ideias defendidas pelo próprio Mahan³. Isso acontece também em *Doctrine of the Will* (1845), obra na qual o presente texto foi publicado.

Na obra supracitada, Asa Mahan defende que os seres humanos possuem uma faculdade dotada de liberdade, a saber, a Vontade. Nessa obra ele procura esclarecer o conceito de liberdade, bem como a extensão e os limites da liberdade da Vontade. Para tanto, ele defende, de modo similar ao que fazia Kant, uma tríplice divisão das faculdades mentais em Intelecto, Sensibilidade, e Vontade; a primeira sendo a capacidade de conhecer, a segunda a capacidade de sentir, e a terceira a capacidade de escolher. No texto, objeto da presente tradução, a classificação dessas faculdades é apresentada de forma bem mais clara do que o próprio Kant fazia⁴.

¹ *Classification of the Mental Faculties* é o segundo capítulo da obra *Doctrine of the Will*, publicada originalmente em 1845. Cf. MAHAN, Asa. *Doctrine of the Will*. Oberlin: R. E. Gillet, 1845. Disponível, em: **Doctrine of the Will (gutenberg.org)**. Acesso em: 25/01/2021. Para a presente tradução, o texto utilizado foi: *Classification of the Mental Faculties*. In: MAHAN, Asa. *Doctrine of the Will*. Oberlin: James M. Fitch, 1847; pp 22-28. Disponível em: **Doctrine of the Will - Asa Mahan - Google Livros**. Acesso em: 25/01/2021. O texto é de domínio público.

² Doutor em Filosofia, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

³ A principal obra de filosofia moral de Mahan é *Science of Moral Philosophy*. Cf. MAHAN, Asa. *Science of Moral Philosophy*. Oberlin: James M. Fitch, 1848. Disponível em: **Science of Moral Philosophy - Asa Mahan - Google Livros**. Acesso em 24/03/2021.

⁴ Para saber mais sobre a o modo como Immanuel Kant classificava as faculdades mentais, pode-se ver o quadro das faculdades apresentado por ele em *Crítica da Faculdade de Julgar*, bem como as observações feitas por Valério Rohden na nota 2, referente àquele quadro. Cf. KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade de Julgar*. Forense Universitária. 3ª ed. Rio de Janeiro, 2012, p. 32; 38-39.

Mahan apresentou uma explanação bem mais detalhada do modo como ele entendia a mente humana e suas faculdades em *The System of Mental Philosophy* (1882).

Classificação das Faculdades Mentais é um dos primeiros textos de Asa Mahan traduzido para a Língua Portuguesa, e apresentado ao público.

CLASSIFICAÇÃO DAS FACULDADES MENTAIS

Asa Mahan

Qualquer indivíduo que tenha refletido com algum grau de interesse sobre as operações da sua própria mente, não pode ter deixado de notar três classes de fenômenos mentais, cada uma delas inteiramente distinta de cada uma das outras. Estes fenômenos - que abrangem inteiramente as operações da mente, e que podem ser expressos pelos termos *pensar*, *sentir*, e *querer* - claramente indicam a existência, na mente, de três faculdades igualmente distintas uma da outra. Essas faculdades são denominadas Intellecto, Sensibilidade ou Sensitividade, e Vontade. À primeira se referem todas as operações intelectuais, como a percepção, o pensamento, o julgamento, o conhecimento, etc. À segunda, referimos todos os estados sensíveis, todos os sentimentos, tais como sensações, emoções, desejos etc. À Vontade, ou à faculdade voluntária ativa, concernem todas as determinações mentais, tal como propósitos, intenções, resoluções, escolhas e volições.

Verificação dessa classificação

1. As classes de fenômenos, pelas quais essa tri-unidade dos poderes mentais é indicada, diferem uma da outra, não em *grau*, mas em *espécie*. O pensamento, seja claro ou obscuro, em qualquer grau, permanece igualmente distinto, em sua natureza, dos sentimentos e determinações de qualquer classe. O mesmo ocorre com os sentimentos. Sensações, emoções, desejos, e todos os fenômenos da Sensibilidade, em todos os graus e modificações, permanecem, em sua natureza e características essenciais, igualmente distintos do pensamento, por um lado, e por outro, da ação da Vontade. O mesmo é verdadeiro para os fenômenos da Vontade. Uma resolução, por exemplo, não é um pensamento em um grau; e uma sensação, emoção, ou desejo em outro; e em outro uma escolha, um propósito, intenção, ou volição. Em todos os graus e modificações, os fenômenos da Vontade, em sua natureza e características essenciais, permanecem igualmente distintos das operações da Inteligência por um lado e, por outro, da Sensibilidade.

2. Esta distinção é reconhecida pela consciência universal. Quando, por exemplo, alguém fala de *pensar* em algum objeto em particular, de *desejar*, e, subsequentemente, de *determinar* obter o objeto, com o propósito de gratificar aquele desejo, todos os homens reconhecem muito claramente o que ele quer dizer com cada uma das afirmações acima mencionadas e entendem-no como falando

de três classes de operações mentais inteiramente distintas. Nenhuma pessoa, sob estas circunstâncias, confunde um desses estados com qualquer dos outros. A tríplice classificação dos fenômenos mentais sob consideração é claramente marcada e distinguida nas afirmações espontâneas da consciência universal.

3. Em todos os idiomas, também existem termos distintos apropriados para a expressão dessas três classes de fenômenos, e do poder mental indicado pelas mesmas. No idioma inglês, por exemplo, nós temos os termos *pensar*, *sentir*, e *querer*, cada um dos quais é aplicado a uma classe particular desses fenômenos mentais, e nunca a qualquer uma das outras. Nós temos também os termos, Intelecto, Sensibilidade e Vontade, apropriados, de maneira similar, para designar os poderes mentais indicadas por esses fenômenos. Em todos os outros idiomas, especialmente entre nações com algum desenvolvimento considerável na cultura mental, encontramos termos de designação precisamente similar. O que estes fatos indicam? Eles mostram, claramente, que no desenvolvimento da Inteligência universal, as diferentes classes de fenômenos sob consideração têm sido distintamente marcadas, e distinguidas uma do outra, juntamente com a tríplice divisão dos poderes mentais indicada pelos mesmos fenômenos.

4. A clareza e particularidade com que a inteligência universal tem marcado a distinção sob consideração, são notavelmente indicadas pelo fato de que existem *termos qualificadores* de uso comum que são aplicados a cada uma dessas classes de fenômenos, e nunca a qualquer uma das outras. É verdade que existem termos que são aplicados indiscriminadamente a todas as classes de fenômenos mentais. Existem termos, entretanto, que nunca são aplicados senão a uma classe. Assim, falamos de *pensamentos claros*, mas nunca de sentimentos ou determinações claras. Nós falamos em *sentimentos* e *desejos irreprimíveis*, mas nunca de pensamentos ou resoluções irreprimíveis. Também falamos em *determinações inflexíveis*, mas nunca de sentimentos ou concepções inflexíveis. A consciência universal, então, tem marcado com uma distinção perfeita pensamentos, sentimentos, e determinações da Vontade, como fenômenos inteiramente distintos um do outro – fenômenos diferentes não em *grau*, mas em *espécie* – e que indicam muito claramente a tríplice divisão dos poderes mentais sob consideração.

5. Os homens estão tão familiarizados com esta distinção, ela é tão marcada em suas mentes, que nas relações familiares, quando nenhuma teoria dos poderes mentais em particular está em contemplação, eles estão acostumados a falar de Intelecto, Sensibilidade, e Vontade, e de seus respectivos fenômenos, como inteiramente distintos uns dos outros. Tomando um exemplo particular das Escrituras. “O que eu *devo* escolher, eu não sei – tenho um *desejo* de partir”. Aqui,

evidentemente, o Apóstolo fala de *desejo* e *escolha* como fenômenos diferentes em espécie e não em grau. “Se tu engajares seu coração [seus sentimentos]”, diz Lord Chesterfield, falando de um ministro estrangeiro, “tu tens uma boa oportunidade de imposição sobre seu *entendimento*, e de determinar a sua Vontade”. “Sua Vontade,” diz outro escritor, falando do insano, “não é mais contida por seu *Julgamento*, mas dirigida loucamente por suas paixões”.

“Quando o juízo é rejeitado pela *Vontade*,
E a Vontade é conduzida pelo *Desejo* apaixonado,
Então a *Razão* pode bem continuar,
Como se diz, acendendo um fogo maior.” *

Em todos os extratos acima, a tri-unidade dos poderes mentais, como consistindo em Intelecto, Sensibilidade, e Vontade, é distintamente reconhecida. No entanto, os escritores não tinham, naquele momento, nenhuma teoria particular de filosofia mental em contemplação. Eles falam de uma distinção das faculdades mentais que todos entendem e reconhecem como real, tão logo é sugerida às suas mentes.

As considerações supracitadas são abundantemente suficientes para verificar a tríplice distinção feita acima, dos fenômenos e poderes mentais. Duas sugestões que surgem aqui, demandam uma atenção especial.

1. Confundir qualquer desses distintos poderes da mente com qualquer um dos outros, como tem sido feito por vários filósofos em eminência, no que diz respeito à Vontade e à Sensibilidade, é um erro capital na ciência mental. Se uma faculdade é confundida com outra, as características fundamentais da primeira, é claro, serão confundidas com as mesmas características da última. Assim, as piores formas de erros serão introduzidas não apenas na filosofia, mas também na teologia, na medida em que a última ciência é influenciada pela primeira. O que seria pensado de um tratado sobre ciência mental no qual a Vontade fosse confundida com a Inteligência, e no qual *pensar* e *querer* fossem, conseqüentemente, representados como fenômenos da mesma espécie? Este seria um erro não mais capital, não mais evidente, não mais distintamente contraditado por fenômenos fundamentais, que a confusão da Vontade com a Sensibilidade.

2. Nós agora estamos preparados para contemplar um dos grandes erros de Edwards em sua imortal obra sobre a Vontade – um erro com o qual nos deparamos no início daquela obra, e que

provê uma ampla base para as falsas conclusões subseqüentemente encontradas nela⁵. Ele confundiu a Vontade com a Sensibilidade. Naturalmente, nós devemos esperar descobrir que ele subseqüentemente confundiu as características fundamentais dos fenômenos da primeira faculdade, com as mesmas características da última.

“Deus dotou a alma”, ele diz, “com duas faculdades: uma é aquela pela qual ele é capaz de percepção e especulação, ou pela qual ele discerne, e visualiza, e julga as coisas; a qual é chamada *entendimento*. A outra faculdade é aquela pela qual a alma não meramente percebe e visualiza as coisas, mas é de algum modo inclinada *para* elas, ou é desinclinada e aversa *a* elas; ou é a faculdade pela qual a alma não observa as coisas como um expectador indiferente e não afetado; mas como gostando ou não gostando, satisfeita ou insatisfeita, aprovando ou rejeitando. Esta faculdade, na medida em que diz respeito às ações que são determinadas por ela, é chamada Vontade”.

A partir de sua obra sobre as Afeições, eu cito o seguinte com a mesma importância:

“As Afeições da alma”, ele observa, “não são propriamente distinguidas da Vontade, como se elas fossem duas faculdades da alma. Todos os atos das Afeições da alma são, em algum sentido, atos da Vontade, e todos os atos da Vontade são atos das afeições. Todos os exercícios da Vontade são, em um ou outro grau, exercícios da apetição ou da aversão da alma; ou, o que é a mesma coisa, do seu amor ou de sua má vontade. A alma quer uma coisa invés de outra, ou escolhe uma coisa invés de outra, de modo não diferente de como ama uma coisa mais que outra”. “As Afeições são apenas certos modos do exercício da Vontade”. “As Afeições não são senão os mais vigorosos e sensatos exercícios da inclinação e vontade da alma”.⁶

Quer ele tenha ou não tenha confundido, subseqüentemente, as características fundamentais dos fenômenos da Vontade com as dos fenômenos da Sensibilidade, isso será visto no progresso do presente tratado.

* Veja Upham sobre a Vontade, pp. 32-35 (Nota do autor original).

⁵ Mahan se refere a *The Treatise on Religious Affections*, de Jonathan Edwards (1703-1758), publicado originalmente em 1746.

⁶ As citações feitas por Mahan nesse parágrafo são de *The Treatise on Religious Affections*. Cf. EDWARDS, Jonathan. *The Treatise on Religious Affections*. New York: American Tract Society, 1850; pp 11-12.

Referências bibliográficas

EDWARDS, Jonathan. *The Treatise on Religious Affections*. New York: American Tract Society, 1850.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAHAN, Asa. *Doctrine of the Will*. Oberlin: R. E. Gillet 1845.

MAHAN, Asa. Classification of the Mental Faculties. In: MAHAN, Asa. *Doctrine of the Will*. Oberlin: James M. Fitch, 1847.

MAHAN, Asa. *The System of Mental Philosophy*. Chicago: J.C. Buckbee e Cia, 1882.